



SULAMITA SANTOS PEREIRA SILVA

CADERNO DO PROFESSOR :

uma proposta para a educação antirracista à luz dos contos machadianos

TRÊS CORAÇÕES

2025

Produto educacional

CADERNO DO PROFESSOR:

Uma proposta para a educação antirracista à luz dos contos machadianos

Material produzido para o Curso de Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino (PPG/GPE).

Centro Universitário Vale do Rio Verde

Área de Concentração: Gestão, Planejamento e Ensino.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Ação Docente.

Autor: Sulamita Santos Pereira Silva

Orientador: Profa. Dra. Terezinha Richartz

A imagem de capa outras imagens meramente ilustrativas foram produzidas por Inteligência Artificial (GAMMA).



FICHA TÉCNICA

Centro Universitário Vale do Rio Verde – UninCor

Pró-Reitor: **Prof. Dr. João Marcos Mattos**

MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO, PLANEJAMENTO E ENSINO (PPG/GPE)

Coordenador: **Prof. Dr. Antônio dos Santos Silva**

CADERNO DO PROFESSOR: UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA À LUZ DOS CONTOS MACHADIANOS

Pesquisador e organizador: **Sulamita Santos Pereira Silva**

Orientadora: **Profa. Dra. Terezinha Richartz**

FICHA CATALOGRÁFICA

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	Contextualização a pesquisa.....	7
1.2	Machado de Assis como um expectador de fatos	8
1.3	A escravidão nos contos machadianos	9
1.4	Conto <i>Pai Contra Mãe</i> , de Machado de Assis	10
1.5	<i>O Caso da Vara</i> , de Machado de Assis.....	19
2	PROPOSTA METODOLÓGICA E SUGESTÕES	26
2.1	Componente curricular: Língua Portuguesa	26
2.2	Componente curricular: Arte.....	33
2.3	Componente curricular: Educação Física	39
2.4	Componente curricular: Língua Inglesa.....	45
2.5	Componente curricular: Geografia.....	50
2.6	Componente curricular: História	57
3	RECURSOS COMPLEMENTARES: FILMES, LIVROS E DOCUMENTÁRIOS	64
4	CONCLUSÃO: REFLEXÕES E DESAFIOS	65
	REFERÊNCIAS	66



CADERNO DO PROFESSOR: uma proposta para a educação antirracista à luz dos contos machadianos

Caro (a) Professor (a):

Este material foi elaborado com a finalidade de apresentar propostas pedagógicas a serem implementadas em sala de aula em turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º). O conteúdo apresentado está relacionado ao período da escravidão no Brasil a partir da abordagem dos contos *Pai Contra Mãe* e *O Caso da Vara*. O objetivo é proporcionar um trabalho interdisciplinar articulado à BNCC que envolve as áreas de Linguagens e Ciências Humanas, no que se refere à educação das relações étnico-raciais. Serão propostos caminhos para se abordar um período sensível da nossa História, a escravidão e seus desdobramentos nos dias atuais, além de proporcionar o contato dos estudantes com a literatura cânone.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização a pesquisa

Objetivo

Proporcionar um trabalho interdisciplinar articulado à BNCC (Base Nacional Comum Curricular), com foco na educação das relações étnico-raciais, visando a promoção da igualdade e o combate ao racismo no ambiente escolar. O objetivo principal é desenvolver nos alunos uma compreensão crítica e aprofundada da história e da cultura afro-brasileira, capacitando-os a reconhecer, analisar criticamente e a combater atitudes discriminatórias em suas diversas manifestações, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. Este trabalho visa também fomentar o respeito à diversidade e a valorização da identidade afro-brasileira.

Abordagem

Utilizar os contos de Machado de Assis, como “Pai Contra Mãe” e “O Caso da Vara”, para abordar a escravidão e seus desdobramentos na sociedade brasileira. A análise literária detalhada e contextualizada será complementada por uma variedade de atividades interativas e reflexivas que incentivem os alunos a refletir profundamente sobre o impacto multifacetado da escravidão nas relações sociais, econômicas e políticas do país, bem como a sua persistente influência no racismo contemporâneo e nas desigualdades raciais que ainda permeiam a sociedade brasileira. Serão utilizados debates, pesquisas e apresentações para enriquecer a discussão.

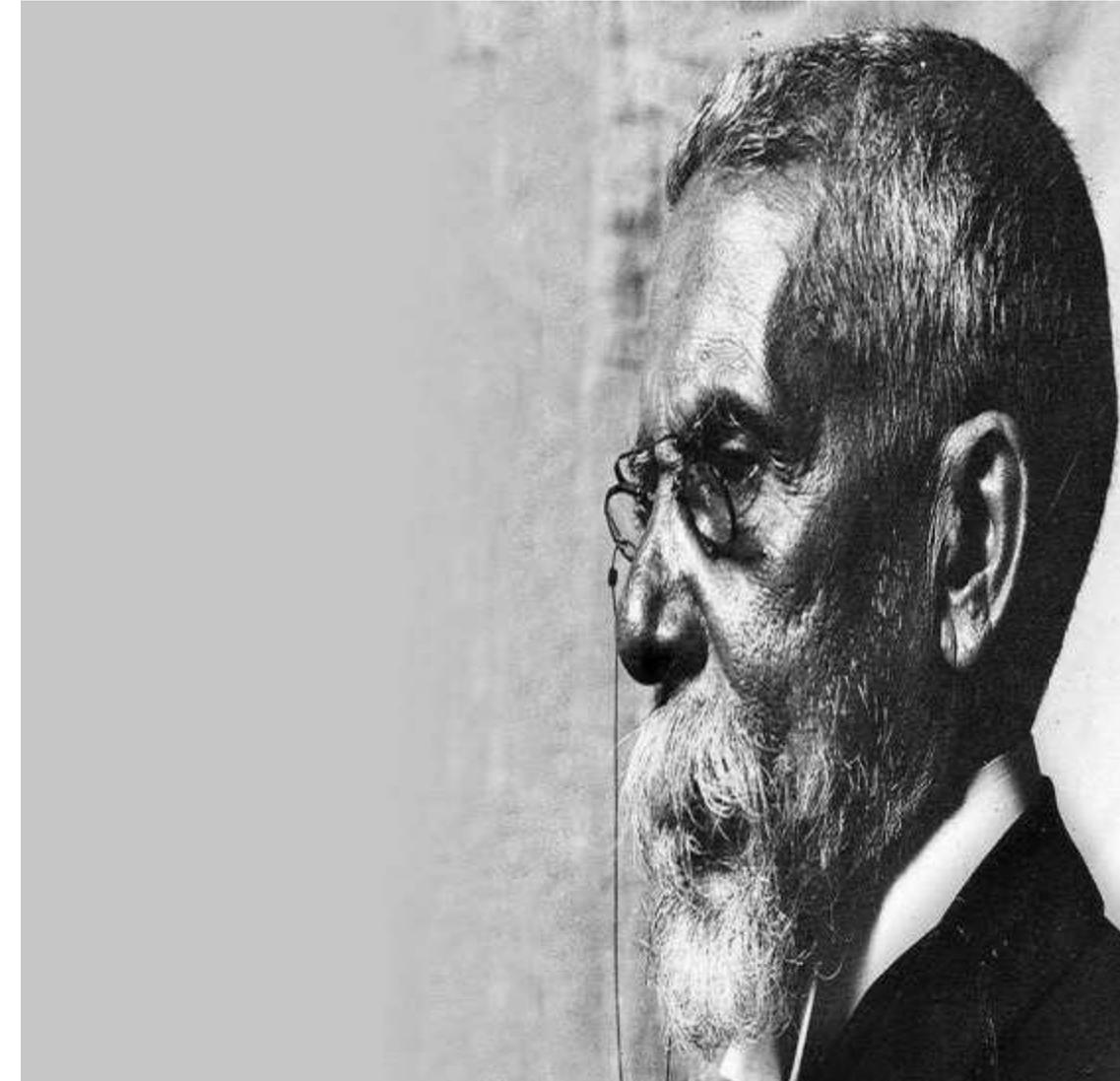
1.2 Machado de Assis como um expectador de fatos

A literatura como uma manifestação artística, seja essa épica, lírica ou dramática, reflete os sentimentos e ao mesmo tempo é capaz de denunciar a perversidade humana nas entrelinhas, ou seja, a frustração diante da miséria humana, da desigualdade social e do preconceito racial, fatos esses que credibilizam Machado de Assis em seu “lugar de fala”.

Vilarinho (2021), refere-se a Machado de Assis como um expectador de fatos. Segundo o pesquisador, dentre os diversos escritores que, ficcionalmente, retrataram a vida social brasileira durante o período escravista, Machado de Assis foi um dos principais literatos da intelectualidade que se colocou a observar seu tempo e seu país.

O escritor carioca, fundador da Academia Brasileira de Letras, de modo realista e crítico, refletiu e inseriu nas entrelinhas de seus escritos a cor nacional, que se desdobra em sua gente, em suas instituições social, política, econômica, psicológica, cultural, em suas ações entre outras vertentes (Vilarinho, 2021, p. 274).

Sendo assim, justifica-se que dentre outros escritores negros brasileiros, Machado de Assis tenha sido escolhido como objeto desse estudo, pois, além de ter vivido no período da escravidão, também sofreu várias formas de racismo, legitimando o seu “lugar de fala”. Além disso, os contos *Pai Contra Mãe* e *O Caso da Vara* de sua autoria, também foram selecionados considerando a riqueza de informações sobre a escravidão.



Fonte: Acervo do Museu Nacional de Belas Artes

1.3 A escravidão nos contos machadianos



“Pai Contra Mãe”

Este conto oferece um retrato sutil e crítico da realidade da escravidão no Brasil, explorando as complexas relações de poder e as consequências desumanizadoras do sistema escravista. A narrativa acompanha a trajetória de personagens marginalizados, como o ex-escravo Cândido Neves, que se torna “caçador de escravos” para sobreviver. A história levanta questões profundas sobre moralidade, sobrevivência e a busca por redenção em um contexto social marcado pela exploração e violência, revelando a crueldade e a hipocrisia da sociedade escravocrata. A ambivalência moral de Cândido, forçado a caçar escravos para garantir a sobrevivência de sua família, destaca a complexidade ética do período. A obra examina como a escravidão corrompeu as relações humanas, transformando vítimas em perpetradores em um ciclo vicioso de exploração e desespero. A análise do conto revela a profunda crítica de Machado de Assis à estrutura social da época.



“O Caso da Vara”

O conto revela as contradições da sociedade escravocrata brasileira através de seus personagens e situações, expondo a hipocrisia e a ambiguidade moral presentes nas relações entre senhores e escravizados. A narrativa gira em torno do conflito entre um senhor de escravos e um menino órfão, que testemunha um ato de violência contra um escravo. Machado de Assis utiliza a ironia e o humor para criticar as estruturas sociais da época e questionar os valores da elite brasileira, a fragilidade dos laços sociais e a persistência da violência e da exploração. A figura do, que presencia a crueldade sem poder intervir, simboliza a impotência e a alienação das vítimas da escravidão. A obra questiona a legitimidade do poder patriarcal e a cumplicidade da sociedade brasileira com a escravidão. Através da narrativa, Machado de Assis expõe a violência inerente ao sistema escravista e seus impactos duradouros na sociedade.

1.4 Conto *Pai Contra Mãe*, de Machado de Assis

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com freqüência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente”, - ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, — em família, Candinho, — é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não agüentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armazinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal.

Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dous. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos.

Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outra.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi — para lembrar o primeiro ofício do namorado, — tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado.

Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

— A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau... — Bem sei, mas somos três. — Seremos quatro. — Não é a mesma cousa. — Que quer então que eu faça, além do que faço? — Alguma cousa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo.

Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém. — Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo. Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

— Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

— Vocês verão a triste vida, suspirava ela. — Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara. — Nascem, e acham sempre alguma cousa certa que comer, ainda que pouco... — Certa como? —

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

— A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau... — Bem sei, mas somos três. — Seremos quatro. — Não é a mesma cousa. — Que quer então que eu faça, além do que faço? — Alguma cousa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém. — Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado. Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo.

A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os venciam sem o menor arranhão. Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura.

Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém.

Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

— É o que lhe faltava! exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas conseqüências. Deixe-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra cousa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

— Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados.

Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio. — Titia não fala por mal, Candinho. — Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor, — crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dous foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

— Quem é? perguntou o marido. — Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

— Não é preciso... — Faça favor

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

— Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo. Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio.

Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Cândido Neves, no desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquo e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dous dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. “Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos.” Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria.

Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido.

Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjava de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo. — Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele. Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda.

— Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona. — Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

— Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! — Siga! repetiu Cândido Neves. — Me solte! — Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, — cousa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

— Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

— Aqui está a fujona, disse Cândido Neves. — É ela mesma. — Meu senhor! — Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as conseqüências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor.

Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enfeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga.

Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

— Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.

Fonte: MACHADO DE ASSIS. **50 contos** / Machado de Assis. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 439-448.

1.5 *O Caso da Vara, de Machado de Assis*

Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto. Não sei bem o ano; foi antes de 1850. Passados alguns minutos parou vexado; não contava com o efeito que produzia nos olhos da outra gente aquele seminarista que ia espantado, medroso, fugitivo. Desconhecia as ruas, andava e desandava; finalmente parou. Para onde iria? Para casa, não; lá estava o pai que o devolveria ao seminário, depois de um bom castigo. Não assentara no ponto de refúgio, porque a saída estava determinada para mais tarde; uma circunstância fortuita a apressou. Para onde iria? Lembrou-se do padrinho, João Carneiro, mas o padrinho era um moleirão sem vontade, que por si só não faria coisa útil. Foi ele que o levou ao seminário e o apresentou ao reitor:

— Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor.

— Venha, acudiu este, venha o grande homem, contanto que seja também humilde e bom. A verdadeira grandeza é chã. Moço...

Tal foi a entrada. Pouco tempo depois fugiu o rapaz ao seminário. Aqui o vemos agora na rua, espantado, incerto, sem atinar com refúgio nem conselho; percorreu de memória as casas de parentes e amigos, sem se fixar em nenhuma. De repente, exclamou:

— Vou pegar-me com Sinhá Rita! Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário... Talvez assim...

Sinhá Rita era uma viúva, querida de João Carneiro; Damião tinha umas ideias vagas dessa situação e tratou de a aproveitar. Onde morava? Estava tão atordoado, que só daí a alguns minutos é que lhe acudiu a casa; era no Largo do Capim.

— Santo nome de Jesus! Que é isto? bradou Sinhá Rita, sentando-se na marquesa, onde estava reclinada.

Damião acabava de entrar espavorido; no momento de chegar à casa, vira passar um padre, e deu um empurrão à porta, que por fortuna não estava fechada a chave nem ferrolho. Depois de entrar espiou pela rótula, a ver o padre. Este não deu por ele e ia andando.

— Mas que é isto, Sr. Damião? bradou novamente a dona da casa, que só agora o conhecera. Que vem fazer aqui!

Damião, trêmulo, mal podendo falar, disse que não tivesse medo, não era nada; ia explicar tudo.

— Descanse, e explique-se.

— Já lhe digo; não pratiquei nenhum crime, isso juro, mas espere.

Sinhá Rita olhava para ele espantada, e todas as crias, de casa, e de fora, que estavam sentadas em volta da sala, diante das suas almofadas de renda, todas fizeram parar os bilros e as mãos. Sinhá Rita vivia principalmente de ensinar a fazer renda, crivo e bordado. Enquanto o rapaz tomava fôlego, ordenou às pequenas que trabalhassem, e esperou. Afinal, Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário; estava certo de que não podia ser bom padre; falou com paixão, pediu-lhe que o salvasse.

— Como assim? Não posso nada.

— Pode, querendo.

— Não, replicou ela abanando a cabeça, não me meto em negócios de sua família, que mal conheço; e então seu pai, que dizem que é zangado!

Damião viu-se perdido. Ajoelhou-se-lhe aos pés, beijou-lhe as mãos, desesperado.

— Pode muito, Sinhá Rita; peço-lhe pelo amor de Deus, pelo que a senhora tiver de mais sagrado, por alma de seu marido, salve-me da morte, porque eu mato-me, se voltar para aquela casa.

Sinhá Rita, lisonjeada com as súplicas do moço, tentou chamá-lo a outros sentimentos. A vida de padre era santa e bonita, disse-lhe ela; o tempo lhe mostraria que era melhor vencer as repugnâncias e um dia... Não nada, nunca! redarguia Damião, abanando a cabeça e beijando-lhe as mãos, e repetia que era a sua morte. Sinhá Rita hesitou ainda muito tempo; afinal perguntou-lhe por que não ia ter com o padrinho.

— Meu padrinho? Esse é ainda pior que papai; não me atende, duvido que atenda a ninguém...

— Não atende? interrompeu Sinhá Rita ferida em seus brios. Ora, eu lhe mostro se atende ou não...

Chamou um moleque e bradou-lhe que fosse à casa do Sr. João Carneiro chamá-lo, já e já; e se não estivesse em casa, perguntasse onde podia ser encontrado, e corresse a dizer-lhe que precisava muito de lhe falar imediatamente.

— Anda, moleque.

Damião suspirou alto e triste. Ela, para mascarar a autoridade com que dera aquelas ordens, explicou ao moço que o Sr. João Carneiro fora amigo do marido e arranjara-lhe algumas crias para ensinar. Depois, como ele continuasse triste, encostado a um portal, puxou-lhe o nariz, rindo:

— Ande lá, seu padreco, descanse que tudo se há de arranjar.

Sinhá Rita tinha quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era apessoada, viva, patusca, amiga de rir; mas, quando convinha, brava como diabo. Quis alegrar o rapaz, e, apesar da situação, não lhe custou muito. Dentro de pouco, ambos eles riam, ela contava-lhe anedotas, e pedia-lhe outras, que ele referia com singular graça.

— Uma destas, estúrdia, obrigada a trejeitos, fez rir a uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a:

— Lucrecia, olha a vara!

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrecia receberia o castigo do costume. Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação. Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la, se não acabasse a tarefa. Sinhá Rita não lhe negaria o perdão... Demais, ela rira por achar-lhe graça; a culpa era sua, se há culpa em ter chiste.

Nisto, chegou João Carneiro. Empalideceu quando viu ali o afilhado, e olhou para Sinhá Rita, que não gastou tempo com preâmbulos. Disse-lhe que era preciso tirar o moço do seminário, que ele não tinha vocação para a vida eclesiástica, e antes um padre de menos que um padre ruim. Cá fora também se podia amar e servir a Nosso Senhor. João Carneiro, assombrado, não achou que replicar durante os primeiros minutos; afinal, abriu a boca e repreendeu o afilhado por ter vindo incomodar “pessoas estranhas”, e em seguida afirmou que o castigaria.

— Qual castigar, qual nada! interrompeu Sinhá Rita. Castigar por quê? Vá, vá falar a seu compadre.

— Não afianço nada, não creio que seja possível...

— Há de ser possível, afianço eu. Se o senhor quiser, continuou ela com certo tom insinuativo, tudo se há de arranjar. Peça-lhe muito, que ele cede. Ande, Senhor João Carneiro, seu afilhado não volta para o seminário; digo-lhe que não volta...

— Mas, minha senhora...

— Vá, vá.

Não teve remédio. O barbeiro meteu a navalha no estojo, travou da espada e saiu à campanha. Damião respirou; exteriormente deixou-se estar na mesma, olhos fincados no chão, acabrunhado. Sinhá Rita puxou-lhe desta vez o queixo.

— Ande jantar, deixe-se de melancolias.

— A senhora crê que ele alcance alguma coisa?

— Há de alcançar tudo, redarguiu Sinhá Rita cheia de si. Ande, que a sopa está esfriando.

Apesar do gênio galhofeiro de Sinhá Rita, e do seu próprio espírito leve, Damião esteve menos alegre ao jantar que na primeira parte do dia. Não fiava do caráter mole do padrinho. Contudo, jantou bem; e, para o fim, voltou às pilhérias da manhã. A sobremesa, ouviu um rumor de gente na sala, e perguntou se o vinham prender.

— Hão de ser as moças.

Levantaram-se e passaram à sala. As moças eram cinco vizinhas que iam todas as tardestomar café com Sinhá Rita, e ali ficavam até o cair da noite.

As discípulas, findo o jantar delas, tornaram às almofadas do trabalho. Sinhá Rita presidia a todo esse mulherio de casa e de fora. O sussurro dos bilros e o palavrear das moças eram ecos tão mundanos, tão alheios à teologia e ao latim, que o rapaz deixou-se ir por eles e esqueceu o resto. Durante os primeiros minutos, ainda houve da parte das vizinhas certo acanhamento; mas passou depressa. Uma delas cantou uma modinha, ao som da guitarra, tangida por Sinhá Rita, e a tarde foi passando depressa. Antes do fim, Sinhá Rita pediu a Damião que contasse certa anedota que lhe agradara muito. Era a tal que fizera rir Lucrecia.

— Ande, senhor Damião, não se faça de rogado, que as moças querem ir embora.

Vocês vão gostar muito.

Damião não teve remédio senão obedecer. Malgrado o anúncio e a expectativa, que serviam a diminuir o chiste e o efeito, a anedota acabou entre risadas das moças. Damião, contente de si, não esqueceu Lucrecia e olhou para ela, a ver se rira também. Viu-a com a cabeça metida na almofada para acabar a tarefa. Não ria; ou teria rido para dentro, como tossia.

Saíram as vizinhas, e a tarde caiu de todo. A alma de Damião foi-se fazendo tenebrosa, antes da noite. Que estaria acontecendo? De instante a instante, ia espiar pela rótula, e voltava cada vez mais desanimado. Nem sombra do padrinho. Com certeza, o pai fê-lo calar, mandou chamar dous negros, foi à polícia pedir um pedestre, e aí vinha pegá-lo à força e levá-lo ao seminário. Damião perguntou a Sinhá Rita se a casa não teria saída pelos fundos; correu ao quintal e calculou que podia saltar o muro. Quis ainda saber se haveria modo de fugir para a Rua da Vala, ou se era melhor falar a algum vizinho que fizesse o favor de o receber. O pior era a batina; se Sinhá Rita lhe pudesse arranjar um rodaque, uma sobrecasaca velha... Sinhá Rita dispunha justamente de um rodaque, lembrança ou esquecimento de João Carneiro.

— Tenho um rodaque do meu defunto, disse ela, rindo; mas para que está com esses sustos? Tudo se há de arranjar, descanse.

Afinal, à boca da noite, apareceu um escravo do padrinho, com uma carta para Sinhá Rita. O negócio ainda não estava composto; o pai ficou furioso e quis quebrar tudo; bradou que não, senhor, que o peralta havia de ir para o seminário, ou então metia-o no Aljube ou na presiganga. João Carneiro lutou muito para conseguir que o compadre não resolvesse logo, que dormisse a noite, e meditasse bem se era conveniente dar à religião um sujeito tão rebelde e vicioso. Explicava na carta que falou assim para melhor ganhar a causa.

Não a tinha por ganha, mas no dia seguinte lá iria ver o homem, e teimar de novo. Concluía dizendo que o moço fosse para a casa dele.

Damião acabou de ler a carta e olhou para Sinhá Rita. Não tenho outra tábua de salvação, pensou ele. Sinhá Rita mandou vir um tinteiro de chifre, e na meia folha da própria carta escreveu esta resposta: “Joãozinho, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos”. Fechou a carta com obreia, e deu-a ao escravo, para que a levasse depressa. Voltou a reanimar o seminarista, que estava outra vez no capuz da humildade e da consternação. Disse-lhe que sossegasse, que aquele negócio era agora dela.

— Hão de ver para quanto presto! Não, que eu não sou de brincadeiras!

Era a hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os; todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só Lucrecia estava ainda à almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

— Ah! malandra!

— Nhanhã, nhanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no céu.

— Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

Lucrecia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora, e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.

— Anda cá!

— Minha senhora, me perdoe!

— Não perdoo, não.

E tornaram ambas à sala, uma presa pela orelha, debatendo-se, chorando e pedindo; a outra dizendo que não, que a havia de castigar.

— Onde está a vara?

A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltara pequena, bradou ao seminarista:

— Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha Jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho...

— Dê-me a vara, Sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita.

Fonte: MACHADO DE ASSIS. 50 contos / Machado de Assis. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 426-432.

2 PROPOSTA METODOLÓGICA E SUGESTÕES

Dialogar com as disciplinas de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, História, Geografia, pode proporcionar possibilidades interdisciplinares para o trabalho com as questões relacionadas a discriminação racial, que perpassam nos componentes curriculares dos anos iniciais dos Ensino Fundamental e se desdobram até o Ensino Médio. Articulam-se à proposta interdisciplinar, as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular, ou seja, conhecimentos e habilidades necessárias para o que o indivíduo exerça plenamente a cidadania (Brasil, 2018).

2.1 Componente curricular: Língua Portuguesa

No componente de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental, as práticas de linguagem acontecem a partir do contato com diferentes gêneros textuais existentes em diferentes campos de atuação e a várias disciplinas. O desenvolvimento desta proposta será realizado a partir dos contos de Machado de Assis, *Pai Contra Mãe* e *O Caso da Vara*, serão enfatizadas as práticas de linguagem no que se trata do Campo Artístico-Literário. Esse tem por finalidade “ampliar as experiências dos estudantes com literaturas representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica” (Brasil, 2018, p. 156).

Na perspectiva de se incorporar a temática do racismo a partir dos contos *Pai Contra Mãe* e *O Caso da Vara*, pretende-se promover uma reflexão acerca dos textos que vão além do simples entendimento e interpretação da escrita, mas incorporada aos aspectos sociológicos de quando as obras foram escritas.

Habilidades favorecidas da BNCC nesta proposta:

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (Brasil, 2018, p. 159).

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (Brasil, 2018, p. 159).

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo (Brasil, 2018, p. 159).

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (Brasil, 2018, p. 157).

Tema: conhecendo a biografia de Machado de Assis

1º passo: Abordagem dos estudantes: acolhida aos estudantes em sala e apresentação da proposta de aula.

2º passo: Levantamento do conhecimento prévio dos estudantes:

alguém já ouvir falar em Machado de Assis ou já leu alguma obra dele?

3º passo: Leitura da biografia, dos contos, transmissão dos vídeos e resolução das questões.

4º passo: Encerramento da aula.

Recursos: Impressão da biografia do escritor para leitura dos estudantes.

Desenvolvimento da aula: Após ler o texto “Quem foi Machado de Assis”? os estudantes deverão responder as questões abaixo

Objetivos da aula:

- Identificar a estrutura narrativa do gênero conto.
- Caracterizar os espaços físico e psicológico, e dos tempos cronológico e psicológico das diferentes vozes no texto.
- Analisar textos ficcionais e seus recursos expressivos.
- Inferir a presença de valores sociais e culturais nos contos machadianos.



Quem foi Machado de Assis?

Machado de Assis foi um dos maiores escritores do Brasil. Nascido em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, ele teve uma infância difícil. Era um menino negro, filho de ex-escravos alforriados, perdeu a mãe e a irmã muito cedo e foi criado por sua madrinha até que seu pai se casou novamente.

Machado presenciou por praticamente toda sua vida o período da escravidão no Brasil. Mesmo com poucas oportunidades, sempre foi muito dedicado. Começou trabalhando como vendedor de doces e depois conseguiu um emprego em uma livraria, onde teve contato com escritores e intelectuais. Isso ajudou muito no seu aprendizado e no seu crescimento como escritor. Aos 16 anos, publicou seu primeiro poema, “Ela”, e depois passou a escrever em jornais e revistas.

Machado também teve uma carreira política, ocupando cargos importantes no governo. Além disso, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, sendo seu primeiro presidente.

Ele escreveu muitos livros, poemas e peças de teatro, sendo lembrado por obras como “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Dom Casmurro” e “Quincas Borba”. Seu estilo inovador e sua forma de contar histórias fizeram dele um dos maiores nomes da literatura brasileira.

Apesar de seu sucesso, Machado sofreu preconceito por ser negro. Alguns críticos da época, como Sylvio Romero, diminuía seu talento por causa da sua origem. Além disso, muitas representações dele ao longo do tempo o retrataram como branco, negando sua identidade afrodescendente. Em 2019, uma campanha chamada “Machado de Assis Real” buscou corrigir esse erro, trazendo uma imagem fiel do escritor como ele realmente era.

Machado de Assis faleceu em 1908, mas sua obra continua viva até hoje. Ele é um exemplo de superação e talento, mostrando que a literatura pode atravessar séculos e inspirar muitas gerações.

Atividades

- 1) Onde viveu Machado de Assis?
- 2) Cite algumas de suas obras.
- 3) Como era a sociedade naquela época?
- 4) Como você acha que foi a vida de Machado de Assis?
- 5) Antes da aula de hoje você já conhecia Machado de Assis ou alguma de suas obras?



Foto: Sulamita Silva/ Acervo da autora

Após a leitura dos contos foram transmitidos os vídeos de encenação das obras.

Pai contra mãe. Link: https://www.youtube.com/watch?v=LgxFG_MTZfs

O caso da vara. Link: https://www.youtube.com/watch?v=0k_e-1Au1TI

ATIVIDADE

1) Releia os trechos dos contos e responda as seguintes questões:

Pai contra Mãe

[...] Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre. (Machado de Assis, 2007, p. 448).

O Caso da Vara

[...]Damião ficou frio...Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha Jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho...

— Dê-me a vara, Sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita. (Machado de Assis, 2007, p. 432).

1) Os trechos abaixo apresentam efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, identifique os recursos utilizados em cada frase.

“*O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo*” (Pai Contra Mãe)

“*Uma nuvem passou-lhe pelos olhos*” (O Caso da Vara)

2) Caracterize os espaços físico e psicológico, e os tempos cronológico e psicológico das diferentes vozes dos contos (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto).

3) Você acredita que Arminda e Lucrécia viviam em situações semelhantes?

Justifique sua resposta.

4) Na sua opinião, qual história é a mais comovente? A de Arminda e seu filho ou de Lucrécia?

5) O que tem em comum nos enredos de *Pai Contra Mãe* e *O Caso da Vara*?

6) Por que Cândido Neves pode garantir a criação de seu filho enquanto Arminda não?

8) A partir da leitura dos contos *Pai contra mãe* e *O Caso da Vara*, de Machado de Assis, produza um texto de no mínimo de 15 linhas, refletindo sobre a temática do conto: a escravidão.

Encerramento e consolidação

- Foi solicitado aos alunos para compartilharem suas percepções sobre a aula
- Agradeceu-se a participação dos alunos e sugeriu-se que continuem aprendendo sobre o tema por meio de livros, documentários e eventos culturais.



Foto: Sulamita Silva/ Acervo da autora

OUTRAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

- Comparar a visão de Machado de Assis sobre a escravidão com outras obras literárias do período, como "Escrava Isaura" de Bernardo Guimarães, contrastando abordagens e estilos. É importante que os alunos compreendam o contexto histórico específico em que as obras foram escritas, incluindo o período da escravidão e as mudanças sociais subsequentes, para realizar uma análise crítica e contextualizada.
- Analisar como as leis da época, como a Lei do Ventre Livre, influenciaram a visão de Machado e sua crítica social. Aprofundar a pesquisa sobre o impacto das teorias raciais da época na construção do imaginário social brasileiro e como Machado de Assis subverteu ou reproduziu esses estereótipos em sua obra.
- Análise da linguagem utilizada por Machado de Assis nos contos, identificando recursos estilísticos como ironia, humor e crítica social. Exploração da forma como o autor utiliza a linguagem para transmitir suas ideias e questionar as normas da sociedade escravocrata, incentivando os alunos a desenvolverem uma leitura crítica e reflexiva dos textos.
- Produção de textos pelos alunos, como resenhas críticas, ensaios ou adaptações dos contos, explorando os temas e as reflexões suscitadas pela obra de Machado de Assis. Apresentação e discussão dos trabalhos produzidos, promovendo o debate e a troca de ideias sobre a escravidão, a desigualdade social e a importância da literatura como forma de expressão e transformação social.

2.2 Componente curricular: Arte

No componente de Arte dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º), são atribuídas ênfase ao ensino das Artes visuais, a Dança e a Música e o Teatro (Brasil, 2018). Trata-se de um dos conteúdos curriculares mais propícios e interessantes para se abordar o reconhecimento da cultura afro-brasileira na sociedade, uma vez que as manifestações artísticas são diversas, presentes nas danças, nas músicas, mas principalmente nas artes visuais, bem representadas por suas cores e formas

Análise de obras



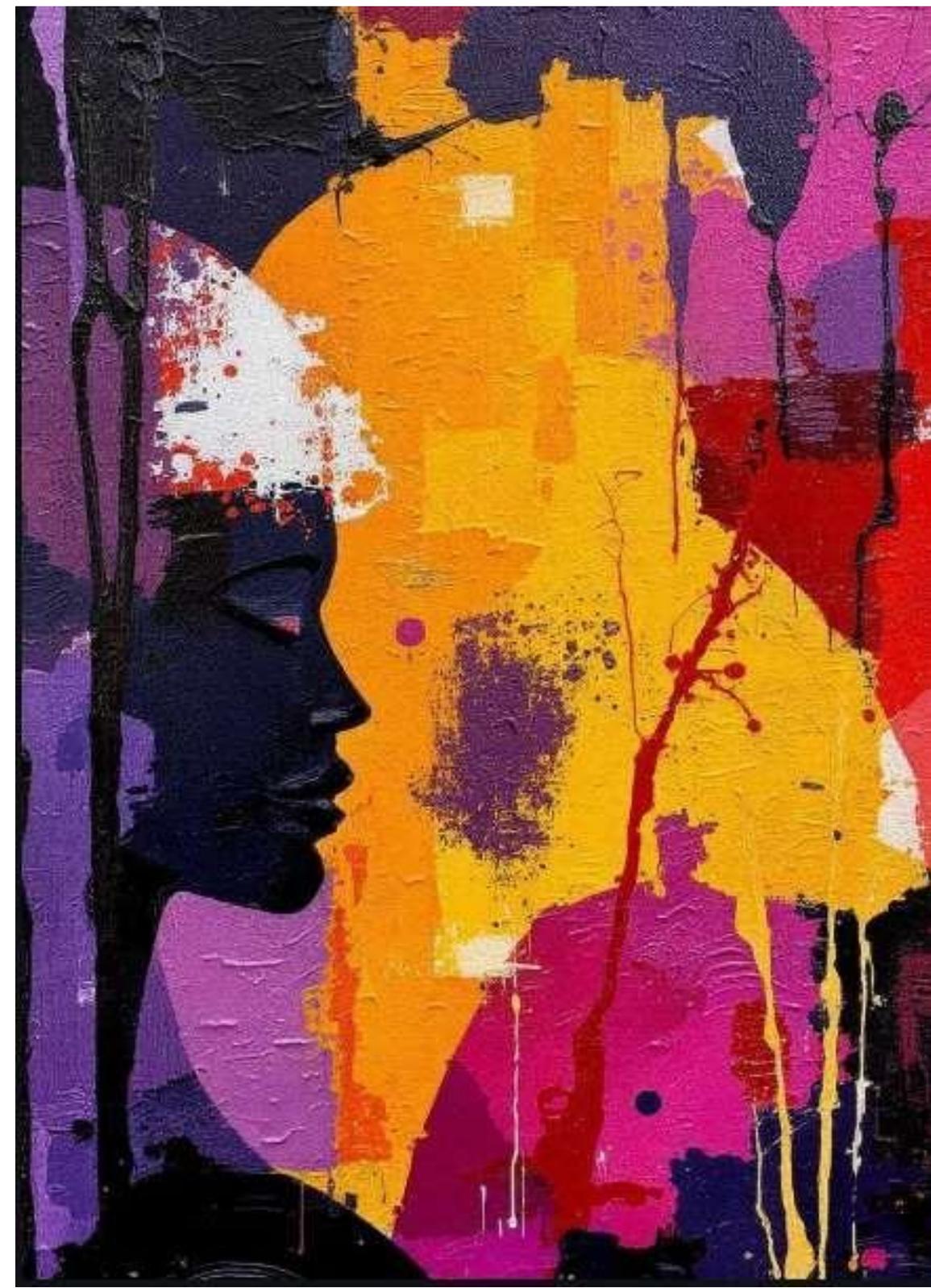
Analisar pinturas de Jean-Baptiste Debret e Modesto Brocos, relacionando-as aos contos de Machado de Assis e à realidade da escravidão no Brasil do século XIX. Explorar como esses artistas retrataram os escravos, os senhores e as dinâmicas sociais da época, buscando paralelos com as críticas de Machado em seus contos.

Comercial da Caixa



Discutir a representação de Machado de Assis em um comercial da Caixa Econômica Federal¹ e sua relação com o quadro "A redenção de Cam". Analisar como o comercial utiliza a imagem de Machado e a obra de arte para promover uma mensagem sobre a história e a cultura brasileira, questionando se essa representação é fiel à visão crítica do autor sobre a escravidão e a sociedade da época.

¹Disponível em: <https://youtube/idaAFaYXnAM>. Acesso em: 24 mar. 2024.



Habilidades favorecidas da BNCC nesta proposta:

(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético (Brasil, 2018, p. 207).

(EF69AR09) Pesquisar e analisar diferentes formas de expressão, representação e encenação da dança, reconhecendo e apreciando composições de dança de artistas e grupos brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas (Brasil, 2018, p. 207).

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética (Brasil, 2018, p. 211).

(EF69AR32) Analisar e explorar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas (Brasil, 2018, p. 211).

(EF69AR33) Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.) (Brasil, 2018, p. 211).

(EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas (Brasil, 2018, p. 211).

Tema: Análise das pinturas de Jean-Baptiste Debret e Modesto Brocos.

1º passo: Acolhida aos estudantes em sala e apresentação da proposta de aula.

2º passo: Na aula de Língua Portuguesa vocês aprenderam sobre Machado de Assis e leram dois contos importantes de sua autoria, *Pai Contra Mãe* e *O Caso da Vara*. Nessa aula trataremos desse tema sensível a partir de um comercial da Caixa Econômica Federal e da análise das pinturas de Jean-Baptiste Debret e Modesto Brocos.

3º passo: Exibição do comercial da Caixa Econômica Federal e análise das obras de arte.

4º passo: Encerramento da aula

Recursos: data show e impressão da atividade colorida para os estudantes

- Exibição do comercial da Caixa Econômica Federal

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=idaAFaYXnAM>

Objetivos da aula:

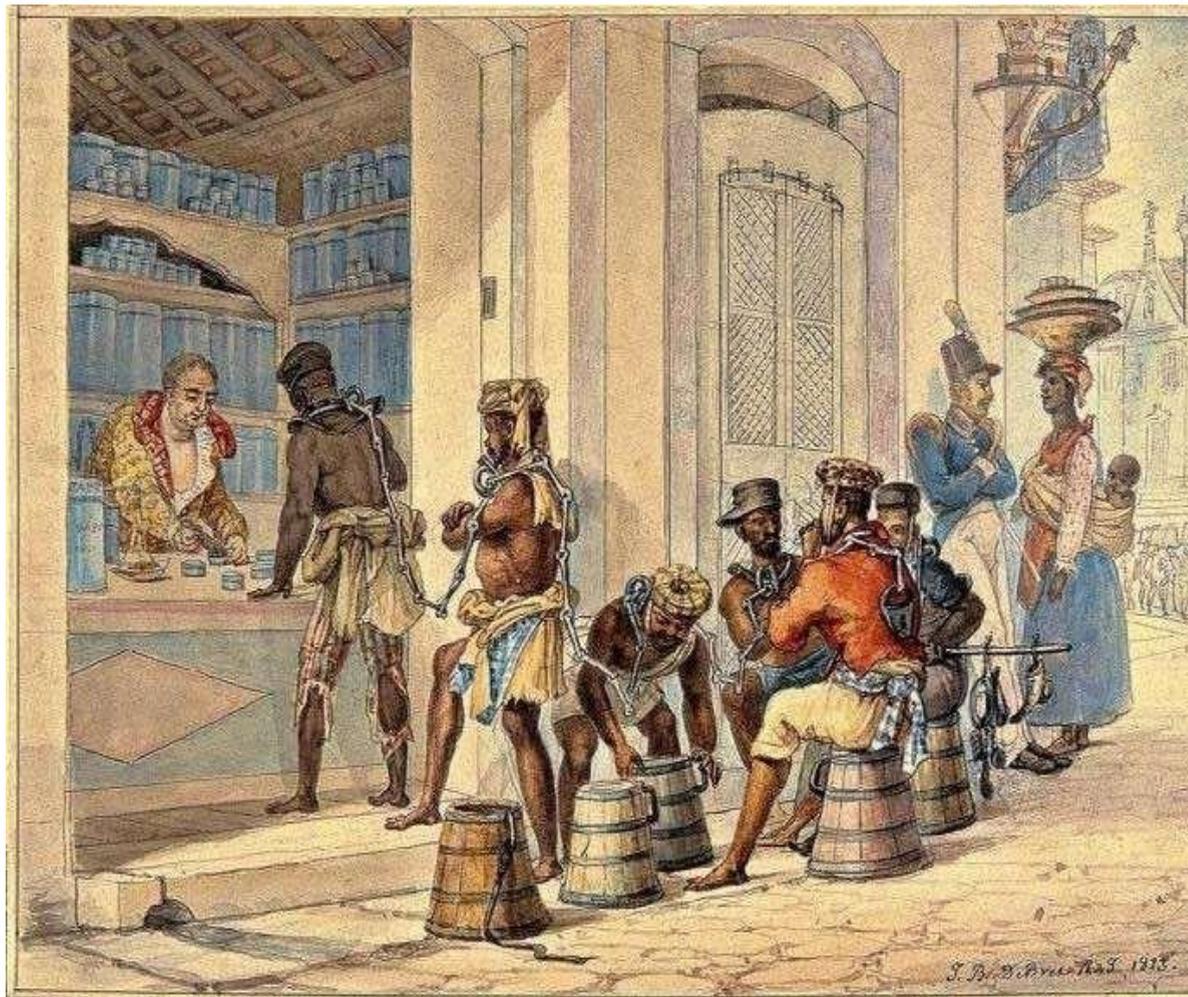
- Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas.
- Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social.
- Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística e correlacioná-los ao período em que Machado de Assis viveu.

Desenvolvimento da aula: foi entregue a atividade impressa aos estudantes e realizado uma discussão, comparando as leituras realizadas com as pinturas de tela.

Atividade

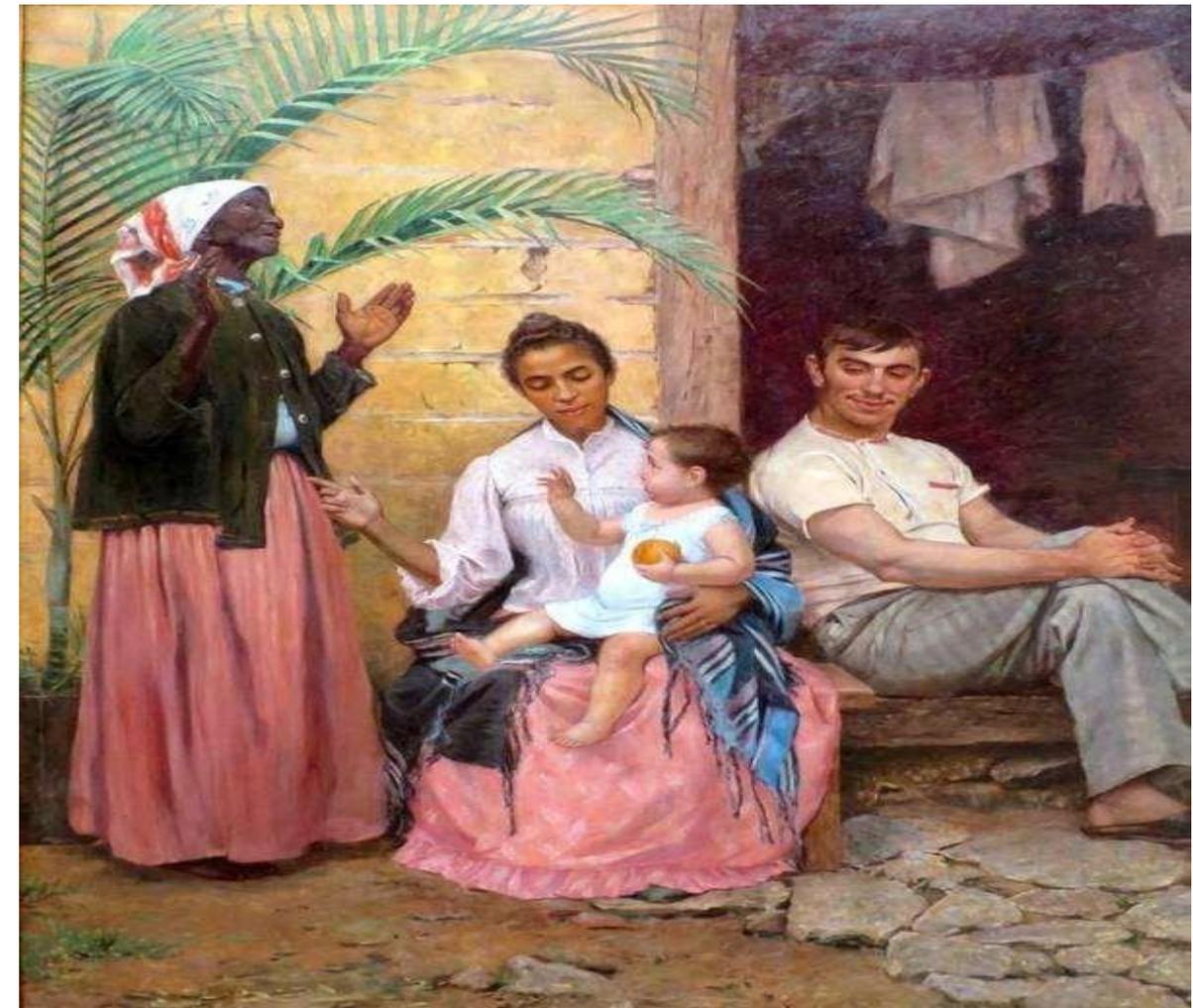
Analise as imagens e responda:

Quadro “Loja de Rapé”



Aquarela inacabada em que o pintor Jean-Baptiste Debret retrata escravos urbanos no Brasil do século XIX.

Quadro “A redenção de Cam” (1895)



O eugenista e pintor espanhol Modesto Brocos retrata sua expectativa para o Brasil por meio do processo de branqueamento.

- 1) Com suas palavras, faça uma descrição da imagem acima, “*Loja de Rapê*” estabelecendo uma conexão com o conto *Pai contra Mãe* e *O Caso da Vara*.

- 2) As origens de Machado de Assis foram negadas por muitos anos devido ao racismo, e ainda nos dias atuais há fotos do escritor sendo retratado como um homem branco. Um exemplo disso, foi quando em 2011, a Caixa Econômica Federal em comemoração aos seus 150 anos, exibiu uma propaganda em que Machado de Assis foi um dos seus primeiros correntistas, destacando que a instituição esteve presente na vida do escritor até o fim de sua vida, todavia, o ator representado era branco. Isso provocou várias críticas, de modo que tiveram que se desculpar pelo desrespeito à história do Brasil, e refizeram o comercial com um ator negro.

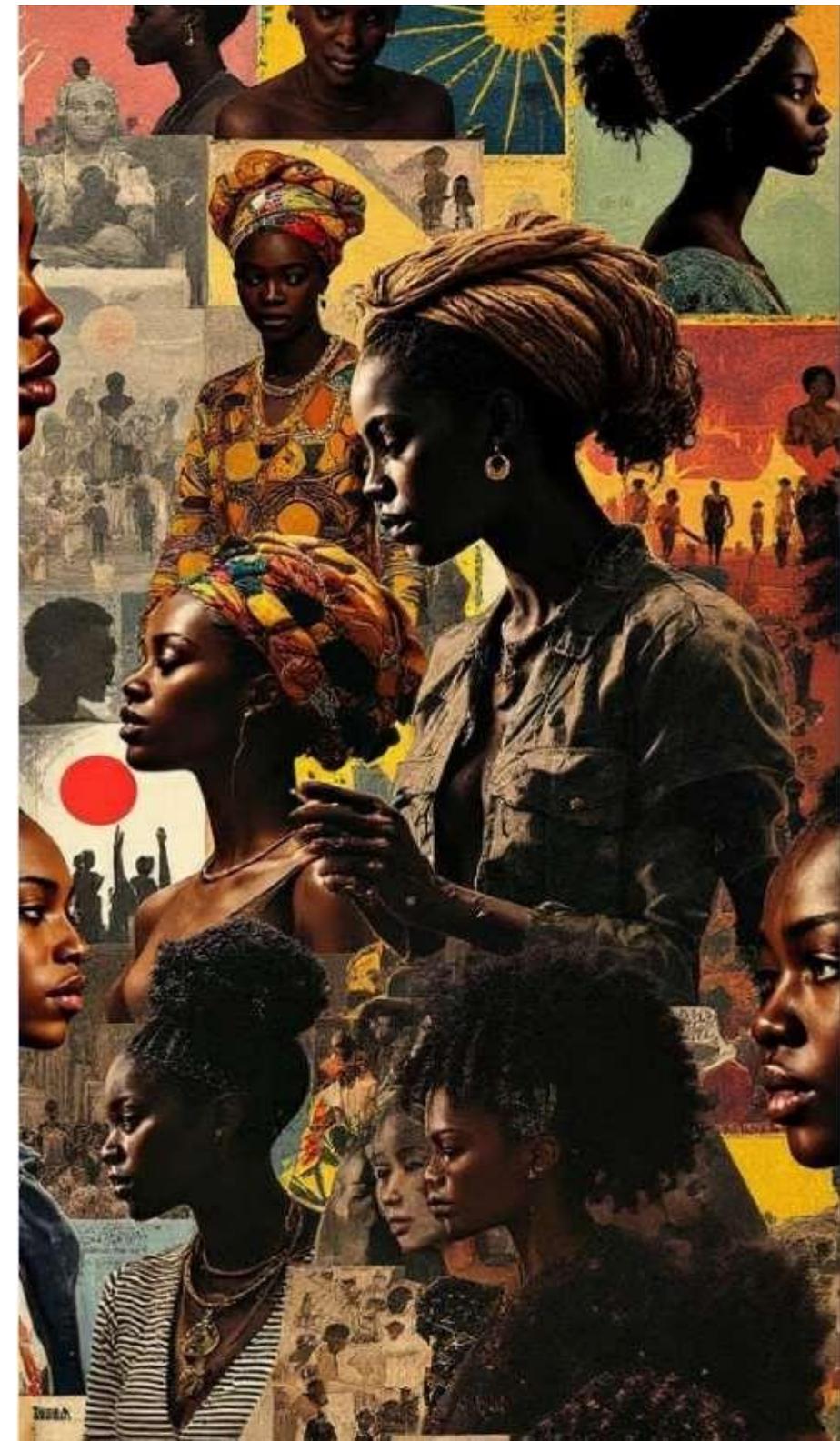
Qual a correlação do comercial da Caixa Econômica Federal com o quadro “A redenção de Cam”?

Encerramento e consolidação

- Foi solicitado aos alunos para compartilharem suas percepções sobre a aula
- Agradeceu-se a participação dos alunos e sugeriu-se que continuem aprendendo sobre o tema por meio de livros, documentários e eventos culturais.

OUTRAS SUGESTÕES PARA O ENSINO DE ARTE

- Os alunos podem criar uma exposição virtual com obras de arte relacionadas ao tema, acompanhada de textos explicativos e reflexões críticas, explorando a história e o contexto social de cada obra.
- Produzir releituras dos contos de Machado de Assis através de diferentes linguagens artísticas (pintura, escultura, fotografia, etc.) permite a apropriação do tema de forma criativa e engajadora, incentivando a experimentação e a expressão individual de cada aluno. Além disso, os alunos podem criar obras originais inspiradas nos contos de Machado de Assis, explorando a temática da escravidão e da resistência negra a partir de suas próprias perspectivas e vivências.
- Analisar obras de artísticas contemporâneos e explorar as técnicas artísticas utilizadas, os símbolos representados e as mensagens transmitidas em cada obra. É importante discutir o uso da arte como forma de denúncia, de preservação da memória e de expressão da identidade negra, incentivando os alunos a desenvolverem um olhar crítico e sensível diante das representações artísticas.



2.3 Componente curricular: Educação Física

Referente ao componente curricular de Educação Física, esse privilegia as práticas corporais em suas diversas formas de expressão e significação social dos sujeitos produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história da humanidade.

É importante que os estudantes entendam que ainda existe rejeição e preconceito em relação a capoeira, tanto devido ao racismo e a negação de suas origens afrodescendentes, quanto pelo fato de que até 1937 era considerada crime pelo Código Penal Brasileiro.

Ao se associar o ensino da capoeira ao contexto histórico em que vivia Machado de Assis, por exemplo, deve-se considerar que no Brasil adivinha desde o período de colonização, entre os séculos XIV e XIX, onde acontecia de forma ritualística. Com o processo do colonialismo brasileiro e com a chegada dos negros escravos, a capoeira ganhou a forma de defesa pessoal, sendo utilizada pelos escravos contra seus opressores, os senhores do engenho (Santos, 1990).

1

Introdução

Apresentação da capoeira, sua origem e importância cultural, com foco na resistência e defesa dos escravizados.

2

Aula Prática

Introdução aos movimentos básicos da capoeira, como a ginga e a meia-lua de frente, com foco na técnica e ritmo.

3

Musicalidade

Integração da música e da cultura à prática da capoeira, com demonstração de instrumentos e canções tradicionais.



Habilidades favorecidas da BNCC nesta proposta:

6º e 7º anos:

(EF67EF11) Experimentar, fruir e recriar danças urbanas, identificando seus elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) (Brasil, 2018, p. 233).

(EF67EF13) Diferenciar as danças urbanas das demais manifestações da dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais (Brasil, 2018, p. 233).

(EF67EF16) Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil (Brasil, 2018, p. 235).

(EF67EF17) Problematizar preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das lutas e demais práticas corporais, propondo alternativas para superá-los, com base na solidariedade, na justiça, na equidade e no respeito (Brasil, 2018, p. 235).

8º e 9º anos:

(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (*doping*, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam (Brasil, 2018, p. 237).

(EF89EF15) Analisar as características (ritmos, gestos, coreografias e músicas) das danças de salão, bem como suas transformações históricas e os grupos de origem (Brasil, 2018, p. 237).

(EF89EF18) Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiaticização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem (Brasil, 2018, p. 239).

Tema: Conhecendo a capoeira

1º passo: Acolhida aos estudantes em sala e apresentação da proposta de aula.

2º passo: Alguém conhece a capoeira? Breve explicação e exibição do vídeo

Capoeira: a cultura da ginga.

3º passo: Foi feito o convite a um professor de capoeira para palestrar na escola e introduzir uma aula prática.

4º passo: Encerramento da aula

Objetivos da aula:

- Problematizar preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das lutas e demais práticas corporais.
- Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiaticização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem.

Recursos: Data show, instrumentos de capoeira (se disponíveis) ou gravação de música, espaço adequado para movimentação.

- Exibição do vídeo Capoeira: a cultura da ginga

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=4Kav-bvk49Y>

Desenvolvimento da aula: Após uma breve explicação sobre a origem da capoeira e exibição do vídeo, os alunos foram direcionados para a quadra, onde puderam conhecer os movimentos fundamentais da capoeira e fazer uma aula experimental.

O que é a capoeira?

A capoeira é uma expressão cultural brasileira que mistura luta, dança, música e história. Ela foi criada pelos africanos escravizados no Brasil como uma forma de resistência e defesa contra seus opressores. Com o tempo, a capoeira se tornou um símbolo da cultura afro-brasileira e, em 2007, foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Ao relacionar a capoeira ao período histórico em que viveu Machado de Assis, é importante considerar que essa prática já estava presente no Brasil desde a colonização, entre os séculos XIV e XIX, sendo realizada de maneira ritualística. Com o avanço do colonialismo e a chegada dos africanos escravizados, a capoeira passou a ser empregada como uma forma de autodefesa contra a opressão imposta pelos senhores de engenho (Santos, 1990).

A capoeira tem um papel importante na educação, especialmente na disciplina de Educação Física. Ela ajuda os alunos a desenvolver habilidades motoras, coordenação, equilíbrio e ritmo. Além disso, ensina valores como respeito, disciplina e trabalho em equipe. A roda de capoeira é um espaço de aprendizado onde se combinam movimentos corporais, música e improvisação, permitindo que os participantes expressem sua criatividade e identidade cultural.

Outro ponto importante é o seu valor histórico e social. Muitas das músicas cantadas na capoeira contam histórias sobre a escravidão, heróis negros como Zumbi dos Palmares e eventos históricos como a Guerra do Paraguai. Essas canções ajudam os alunos a conhecerem melhor a história do Brasil e a valorizar a cultura afro-brasileira.

A capoeira integra diferentes áreas do conhecimento, como história, arte e música. Além disso, ela promove a inclusão e a diversidade, pois pode ser praticada por pessoas de todas as idades e condições físicas.

Aula prática:

Introdução aos Movimentos Básicos

Objetivo: Ensinar os movimentos fundamentais da capoeira.

Atividades:

- Ginga: Explicar e praticar o movimento de ginga, com foco na técnica e ritmo.
- Movimentos Básicos: Introdução a movimentos como a meia-lua de frente e a esquivada.
- Demonstração e prática em pares.
- Exercício de Coordenação: Prática de combinações simples dos movimentos básicos em um padrão fluido.
- Introdução à Musicalidade e Cultura e simulação de roda de capoeira

Objetivo: Integrar a música e a cultura à prática da capoeira.

Atividades:

- Instrumentos: mostrar e explicar os instrumentos tradicionais como o berimbau e o atabaque.
- Cânticos: ensinar uma ou duas músicas simples associadas à capoeira. Demonstrar como a música e o canto são usados durante a prática.
- Demonstração: executar uma pequena apresentação com música ao vivo ou gravada.

- Explicação: explicar o conceito e a importância da roda de capoeira.
- Simulação: organizar os alunos em um círculo e realizar uma roda fictícia, permitindo que todos experimentem a dinâmica e a interação da prática.
- Participação: convidar os alunos a se juntar ao centro da roda para uma breve demonstração ou prática.

Encerramento e consolidação

- Foi solicitado aos alunos para compartilharem suas percepções sobre a aula
- Agradeceu-se a participação dos alunos e sugeriu-se que continuem aprendendo sobre o tema por meio de livros, documentários e eventos culturais.

Aula prática de capoeira

Foto: Sulamita Silva/ Acervo da autora



OUTRAS SUGESTÕES PARA O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

- Abordar a representação do corpo negro na mídia e na sociedade, problematizando as imagens e mensagens
- Vivenciar as danças afro, como o samba de roda e o maracatu, compreendendo seus ritmos, movimentos e significados.
- Incluir jogos e brincadeiras de origem africana nas aulas de Educação Física, resgatando a memória e a ancestralidade presentes nessas práticas.
- Discutir casos de racismo e discriminação no esporte, analisando as causas e as consequências desses atos.
- Promover campanhas de conscientização e combate ao racismo nos esportes e nas atividades físicas, envolvendo toda a comunidade escolar.



2.4 Componente curricular: Língua Inglesa

Tratando do componente curricular de Língua Inglesa, considera-se aqui para fins de um trabalho interdisciplinar, a sua importância como a língua franca falada em todo mundo, que permeiam os “interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais” (Brasil, 2018, p. 241).

Considerar-se-á para a articulação desse estudo, o eixo Dimensão Intercultural no que se diz a compreensão de que as culturas se interagem e reconstruem na sociedade contemporânea por meio da comunicação, sendo a Língua Inglesa utilizada como uma das principais ferramentas.

Sugere-se que sejam abordadas nas aulas de Inglês, aspectos históricos de quando os africanos foram levados escravizados para a América do Norte e a fusão de várias línguas de origem africana com o inglês, originando na variação conhecida como o *African American Vernacular English*, também conhecido como *Black English* e na Inglaterra como *Black British*.

1

AAVE e Black British English

Definição de AAVE (African American Vernacular English) e Black British English, abordando seus contextos históricos e sociais, incluindo a influência de línguas africanas e a diáspora negra. Discutir a importância da valorização dessas variantes linguísticas como patrimônio cultural e forma de resistência.

2

Exploração

Explorar a fusão de línguas africanas com o inglês, examinando exemplos concretos de palavras e expressões que demonstram essa influência. Discutir a importância cultural e social dessas variantes, destacando o papel da linguagem na construção da identidade e na expressão da cultura afrodescendente.

3

Atividades

Elaboração de frases utilizando palavras e expressões do Black English, incentivando a pesquisa e o uso correto dessas variantes. Reflexão sobre o enriquecimento da língua inglesa através da diversidade linguística e cultural, promovendo o respeito e a valorização das diferentes formas de expressão.

Habilidades favorecidas da BNCC nesta proposta:

6º anos:

(EF06LI18) Reconhecer semelhanças e diferenças na pronúncia de palavras da língua inglesa e da língua materna e/ou outras línguas conhecidas (Brasil, 2018, p. 251).

(EF06LI24) Investigar o alcance da língua inglesa no mundo: como língua materna e/ou oficial (primeira ou segunda língua) (Brasil, 2018, p. 251).

(EF06LI25) Identificar a presença da língua inglesa na sociedade brasileira/comunidade (palavras, expressões, suportes e esferas de circulação e consumo) e seu significado (Brasil, 2018, p. 251).

(EF06LI26) Avaliar, problematizando elementos/produtos culturais de países de língua inglesa absorvidos pela sociedade brasileira/comunidade (Brasil, 2018, p. 251).

7º anos:

(EF07LI21) Analisar o alcance da língua inglesa e os seus contextos de uso no mundo globalizado (Brasil, 2018, p. 253).

(EF07LI22) Explorar modos de falar em língua inglesa, refutando preconceitos e reconhecendo a variação linguística como fenômeno natural das línguas (Brasil, 2018, p. 253).

(EF07LI23) Reconhecer a variação linguística como manifestação de formas de pensar e expressar o mundo (Brasil, 2018, p. 253).

8º anos:

(EF08LI18) Construir repertório cultural por meio do contato com manifestações artístico-culturais vinculadas à língua inglesa (artes plásticas e visuais, literatura, música, cinema, dança, festividades, entre outros), valorizando a diversidade entre culturas (Brasil, 2018, p. 259).

(EF08LI19) Investigar de que forma expressões, gestos e comportamentos são interpretados em função de aspectos culturais (Brasil, 2018, p. 259).

(EF08LI20) Examinar fatores que podem impedir o entendimento entre pessoas de culturas diferentes que falam a língua inglesa (Brasil, 2018, p. 259).

9º anos:

(EF09LI17) Debater sobre a expansão da língua inglesa pelo mundo, em função do processo de colonização nas Américas, África, Ásia e Oceania (Brasil, 2018, p. 263).

(EF09LI18) Analisar a importância da língua inglesa para o desenvolvimento das ciências (produção, divulgação e discussão de novos conhecimentos), da economia e da política no cenário mundial (Brasil, 2018, p. 263).

(EF09LI19) Discutir a comunicação intercultural por meio da língua inglesa como mecanismo de valorização pessoal e de construção de identidades no mundo globalizado (Brasil, 2018, p. 263).

Tema: African American Vernacular English (AAVE) e Black British English: Influências de línguas africanas

1º passo: Acolhida aos estudantes em sala e apresentação da proposta de aula com um texto explicativo.

2º passo: Exibição do vídeo introdutório sobre AAVE e Black British English, mostrando exemplos de uso e impacto cultural.

3º passo: Realização das atividades propostas

4º passo: Encerramento da aula

Objetivos da aula:

- Definir AAVE, Black British English e seus contextos históricos e sociais.
- Explorar a fusão de línguas africanas com o inglês.
- Discutir a importância cultural e social dessas variantes.

Recursos: Datashow e textos impressos

Exibição do vídeo “Black English: como tudo começou”:

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=61RmeCJOpqc>

Desenvolvimento da aula:

Após a leitura do texto “O que é o AAVE e Black British English?” e a exibição do vídeo, os estudantes tiveram uma explicação dos aspectos gramaticais, fonológicos e lexicais e fizeram as atividades propostas.

O que é o Black English?

O African American Vernacular English (AAVE), também conhecido como Black English nos Estados Unidos e Black British na Inglaterra, surgiu da fusão de várias línguas africanas com o inglês, devido à escravidão de africanos levados para a América do Norte. Muitas dessas palavras têm origem africana, mas sua história é frequentemente desconhecida ou omitida devido ao racismo. Refletir sobre essa influência é essencial para valorizar a cultura e a língua africana, reconhecendo sua importância na formação do inglês falado ao redor do mundo. Esse dialeto possui expressões e palavras próprias como os listados abaixo:

Inglês Tradicional	Black English	Significado
Hello	Yo!	Ei! / Oi!
Neighborhood	Hood	Bairro, gueto
I am not / isn't	Ain't	Forma alternativa para "am not", "aren't" ou "isn't"
Money	Paper	Dinheiro
Cool / Stylish	Fly	Bacana, maneiro
Charisma / Skill	Game	Lâbia, gingado, malícia
Music	Jam	Música
You all	Y'all	Vocês todos
That's true	True dat	Isso é verdade
Them	Dem / Den	Eles
Little	Lil	Pequeno
The	Da	Variação de "the"

Atividade

- 1) Após conhecer várias palavras do Black English, elabore frases utilizando-as.
- 2) Escrevam um breve texto ou um parágrafo refletindo sobre o que aprenderam e como as variantes de inglês enriquecem a língua.

Encerramento e consolidação

- Foi solicitado aos alunos para compartilharem suas percepções sobre a aula
- Agradeceu-se a participação dos alunos e sugeriu-se que continuem aprendendo sobre o tema por meio de livros, documentários e eventos culturais.

OUTRAS SUGESTÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

- Os alunos podem traduzir e interpretar artigos e vídeos sobre o movimento Black Lives Matter e outras iniciativas de combate ao racismo no mundo, realizando debates em inglês sobre as diferentes formas de racismo e suas implicações.
- Promover a reflexão sobre o impacto do racismo em diferentes comunidades e culturas, e como os alunos podem se tornar agentes de mudança em suas próprias vidas e comunidades.
- Analisar textos e discursos de figuras importantes na luta contra o racismo em outros países, como Martin Luther King Jr., Nelson Mandela e Malala Yousafzai. A comparação das experiências de racismo no Brasil e em outros contextos globais é fundamental para a formação de uma visão crítica e abrangente.
- Investigar os contextos históricos e sociais em que esses líderes atuaram, e como suas ideias podem ser aplicadas à realidade brasileira.



2.5 Componente curricular: Geografia

No ensino de Geografia, o estudo da cultura popular permite que o estudante reconheça a presença de diferentes grupos sociais e culturais na formação do povo brasileiro, não tratando o pensamento e tradições africanas meramente como exótico ou folclórico.

Chegada

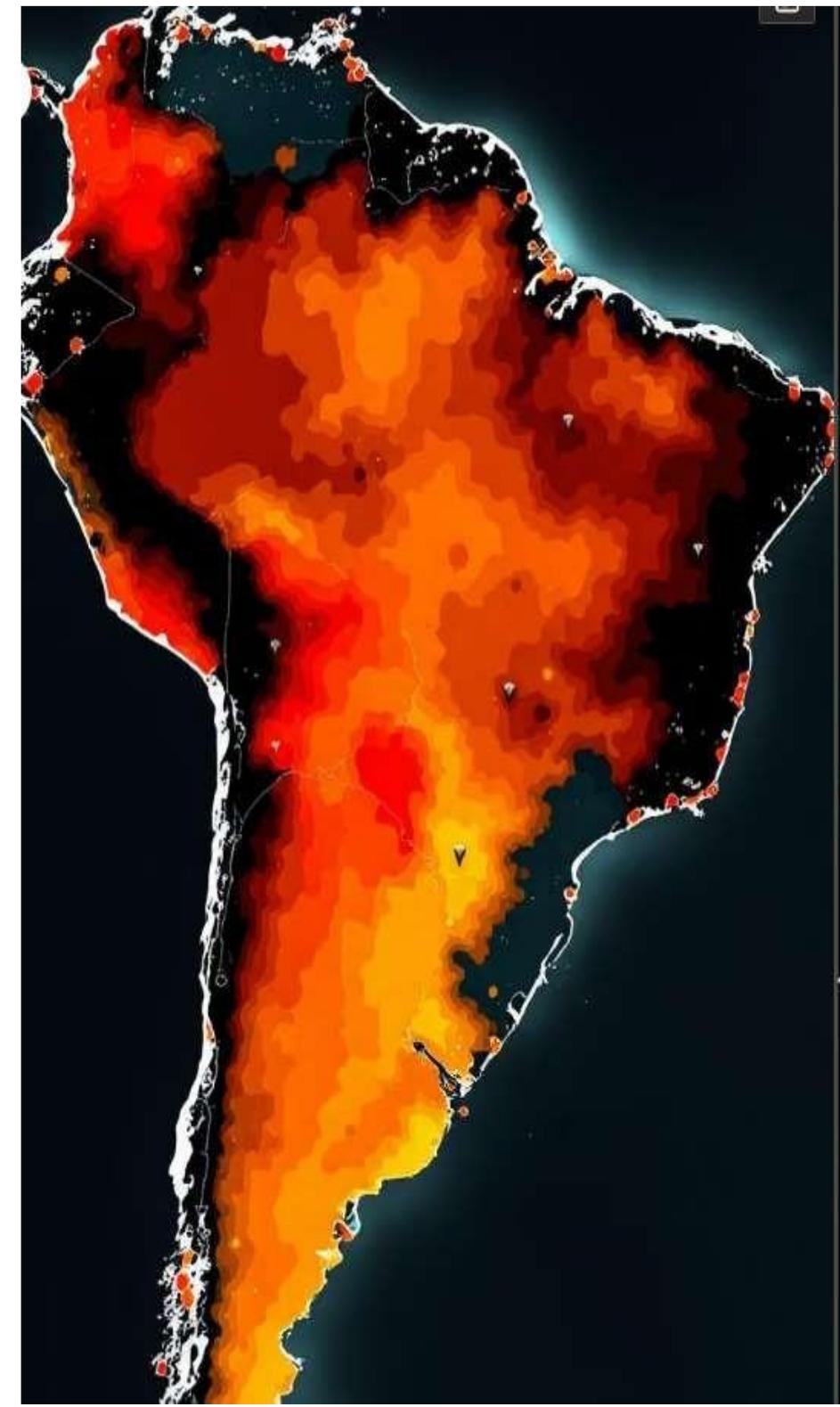
- Apresentação do mapa histórico detalhado, mostrando a chegada de africanos ao Brasil através de diferentes rotas marítimas e os portos de desembarque.
- Identificação das principais regiões de concentração da população escravizada, como os engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste e as minas de ouro em Minas Gerais.

Influências

- Discussão aprofundada sobre a contribuição dos grupos afro-brasileiros para a formação da diversidade cultural e social do país.
- Análise do impacto da cultura africana na música, dança, religião, culinária e outras manifestações artísticas e sociais.

Cultura Popular

- Criação de cartazes ilustrativos mostrando as influências africanas na cultura popular de diferentes regiões do Brasil.
- Destaque para a presença de elementos africanos em festas populares, como o Carnaval, o Maracatu e a Congada, bem como na culinária regional, com pratos como a feijoada e o acarajé.



Habilidades favorecidas da BNCC nesta proposta:

No 7º ano:

(EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades (Brasil, 2018, p. 387).

(EF07GE04) Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões brasileiras (Brasil, 2018, p. 387).

No 9º ano:

(EF09GE03) Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças (Brasil, 2018, p. 393).

No 8º ano:

(EF08GE06) Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos (Brasil, 2018, p. 389).

(EF08GE10) Distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos (Brasil, 2018, p. 389).

(EF08GE13) Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África (Brasil, 2018, p. 391).

(EF08GE18) Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América (Brasil, 2018, p. 391).

(EF08GE19) Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América (Brasil, 2018, p. 391).

(EF08GE20) Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos (Brasil, 2018, p. 391).

Tema: Cultura popular na formação do Brasil

1º passo: Acolhida aos estudantes em sala e apresentação da proposta de aula.

2º passo: Explicação a importância de estudar a influência africana na formação cultural e social do Brasil. Apresentação do mapa histórico mostrando a chegada de africanos ao Brasil e as principais regiões de concentração, como a Bahia, o Rio de Janeiro e Pernambuco.

3º Produção de cartazes

4º Encerramento da aula

Objetivos da aula:

- Reconhecer a contribuição dos grupos afro-brasileiros para a diversidade cultural e social do país.
- Identificar regiões de concentração no Brasil, como a Bahia, o Rio de Janeiro e Pernambuco.
- Promover uma visão mais integrada e respeitosa da cultura africana.

Recursos: mapa histórico e cultural do Brasil, recursos para a criação de cartazes, material para discussão e escrita.

Desenvolvimento da aula:

foi apresentado um mapa e um resumo impresso abordando as principais regiões do Brasil de concentração de chegada de pessoas negras escravizadas.

Após isso, os estudantes fizeram a atividade proposta.

A chegada dos africanos ao Brasil e suas influências culturais

A chegada dos africanos ao Brasil começou no século XVI e durou mais de 300 anos. Durante esse período, milhões de homens, mulheres e crianças foram trazidos à força da África para trabalhar principalmente nas lavouras de açúcar, café e em atividades urbanas. Os portugueses, que colonizaram o Brasil, utilizavam o trabalho escravizado para manter a economia da colônia. Infelizmente, essa foi uma das maiores tragédias da história da humanidade, pois essas pessoas foram retiradas de suas terras, separadas de suas famílias e forçadas a viver em condições muito difíceis.

Os africanos desembarcavam em portos importantes, como Salvador (Bahia), Rio de Janeiro e Recife (Pernambuco). Essas cidades se tornaram grandes centros de comércio de escravizados e, ao longo do tempo, receberam uma forte influência cultural africana. Mesmo em meio a tantas dificuldades, os africanos mantiveram suas tradições, religiões, costumes e expressões artísticas, que até hoje fazem parte da cultura brasileira.

Principais regiões de concentração

A Bahia foi um dos estados que mais recebeu africanos escravizados, especialmente na cidade de Salvador. Lá, surgiram importantes manifestações culturais, como o candomblé, religião de origem africana, e o acarajé, uma comida típica baiana. Além disso, a capoeira, mistura de dança e luta, se desenvolveu como uma forma de resistência dos escravizados contra seus senhores.

No Rio de Janeiro, muitos africanos foram levados para trabalhar no porto e em fazendas de café. Com o tempo, a cidade se tornou um grande centro de cultura afro-brasileira. O samba, um dos ritmos mais conhecidos do Brasil, tem origem nas rodas de batuque feitas pelos africanos. Esse estilo musical se espalhou pelo país e se tornou um dos símbolos do Carnaval brasileiro.

Em Pernambuco, principalmente na cidade de Recife, os africanos também deixaram uma grande influência. O maracatu, uma manifestação cultural afro-brasileira, surgiu dessa região e se tornou uma das principais tradições do estado. Esse ritmo envolvente, acompanhado de danças e instrumentos de percussão, é uma herança dos antigos cortejos de reis africanos organizados pelos escravizados.

Influências afro-brasileiras

A presença africana no Brasil influenciou diversas áreas da cultura, como a música, a dança e a culinária.

- **Música:** o samba, o maracatu e outros ritmos brasileiros foram fortemente influenciados pelos batuques africanos. Esses estilos musicais trouxeram instrumentos como os tambores, atabaques e agogôs, que dão o ritmo contagiante das festas populares.
- **Dança:** a capoeira é uma expressão cultural que mistura luta, dança e música. Criada pelos escravizados como forma de resistência, hoje ela é praticada no mundo todo.
- **Culinária:** a feijoada, um dos pratos mais famosos do Brasil, tem origem nos costumes alimentares dos africanos, que utilizavam partes menos nobres da carne misturadas ao feijão preto. O acarajé, feito com feijão-fradinho e frito no azeite de dendê, também veio da cultura africana e se tornou um símbolo da culinária baiana.

A cultura afro-brasileira está presente em diversas partes do país e é fundamental para a identidade do Brasil. Hoje, valorizamos cada vez mais essa herança e reconhecemos a importância dos africanos na construção da nossa história.

Rotas do tráfico de africanos



Fonte: FGV

<https://atlas.fgv.br/marcos/do-escravo-ao-imigrante/mapas/rotas-internas-e-externas-do-traffic-antes-de-1850>

Atividade

- 1) Escreva em seu caderno alguns exemplos de influências afro-brasileiras.
- 2) Em grupo, criem cartazes mostrando as influências africanas na cultura popular de diferentes regiões do Brasil. Apresentem diferentes exemplos, como a linguística, pratos típicos, dança, música e outros de tradições africanas foram incorporadas e adaptadas na cultura brasileira.

Encerramento e consolidação

- Foi solicitado aos alunos para compartilharem suas percepções sobre o impacto da aula e como sua compreensão da cultura afro-brasileira mudou.
- Agradeceu-se a participação dos alunos e sugeriu-se que continuem aprendendo sobre o tema por meio de livros, documentários e eventos culturais.

Exposição de cartazes (Pernambuco, São Paulo e Minas Gerais)



Foto: Sulamita Silva/ Acervo da autora

Exposição de cartazes (Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul)



Foto: Sulamita Silva/ Acervo da autora

OUTRAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

1

Desigualdades Raciais

Analisar as desigualdades raciais no Brasil e sua relação com a distribuição espacial da população negra é fundamental. Abordar detalhadamente o acesso desigual à moradia, educação de qualidade, serviços de saúde adequados e outros serviços básicos, evidenciando as gritantes disparidades socioeconômicas e as profundas causas históricas do racismo estrutural que perpetua essas desigualdades. Examinar como políticas públicas discriminatórias e práticas institucionais preconceituosas contribuem para a marginalização da população negra e a reprodução de um ciclo de pobreza e exclusão social.

2

Comunidades Quilombolas

Estudar a fundo casos emblemáticos de comunidades quilombolas e sua incansável luta histórica pela preservação de suas terras ancestrais e a salvaguarda de sua rica cultura afro-brasileira. É de suma importância conhecer as diferentes e multifacetadas formas de resistência adotadas por essas comunidades, bem como suas legítimas e urgentes demandas por justiça social, reconhecimento legal de seus direitos territoriais e o respeito à sua identidade cultural. Analisar os desafios enfrentados pelas comunidades quilombolas na garantia de sua autonomia e na promoção de seu desenvolvimento sustentável.

3

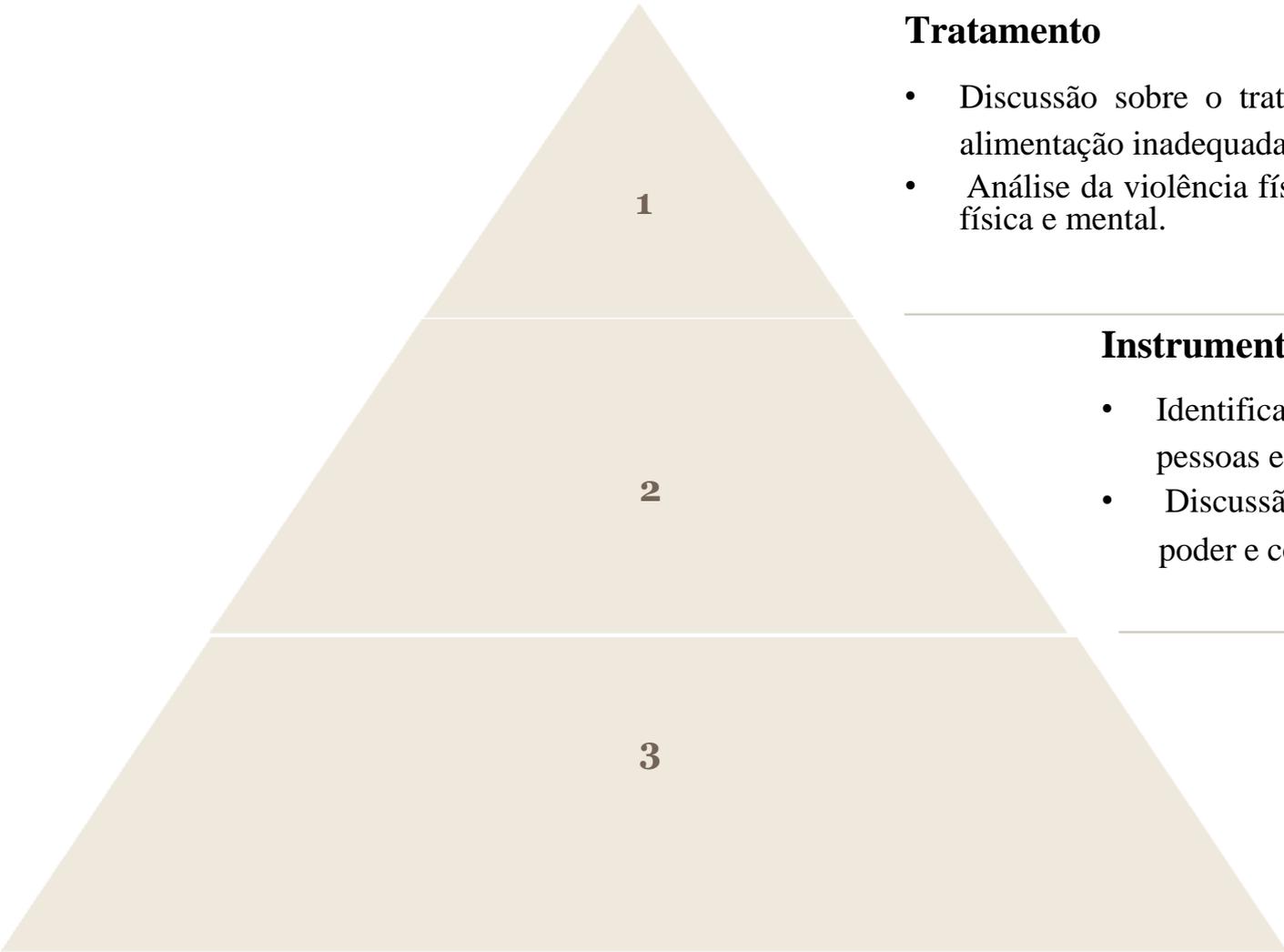
Planejamento Urbano

Refletir criticamente sobre o papel crucial e estratégico do planejamento urbano na promoção efetiva da justiça social e da igualdade racial em nossas cidades. Discutir de forma aprofundada como o espaço urbano pode e deve ser reconfigurado e redesenhado para garantir o acesso equitativo a oportunidades de emprego, lazer, cultura e serviços públicos de qualidade para todos os cidadãos, independentemente de sua raça ou origem étnica. Combater a segregação espacial e o racismo ambiental, promovendo a criação de espaços urbanos inclusivos, acessíveis e que valorizem a diversidade cultural e a memória da população negra.



2.6 Componente curricular: História

Para o ensino da História, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica propõem que seja desenvolvido nesse componente curricular, o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. De acordo com Garcia *et al* (2022), o objetivo é que o estudante se conscientize de que o racismo é uma construção social e histórica, devendo problematizar adequadamente as relações étnico- raciais do passado e do presente, a fim de compreender o valor das matrizes históricas brasileiras e combater o etnocentrismo europeu.



1

Tratamento

- Discussão sobre o tratamento desumano dado aos escravizados, abordando as condições precárias de moradia, alimentação inadequada e jornadas exaustivas de trabalho.
- Análise da violência física e psicológica sofrida, incluindo castigos, humilhações e a constante ameaça à integridade física e mental.

Instrumentos

- Identificação e análise de diferentes instrumentos de tortura utilizados para controlar e punir as pessoas escravizadas, como o tronco, o chicote, a gargalheira e o ferro em brasa.
- Discussão sobre o impacto físico e psicológico desses instrumentos, bem como o simbolismo de poder e controle por trás de seu uso.

Resistência

- Reconhecimento das diversas formas de resistência dos escravizados, desde as fugas individuais e coletivas para a formação de quilombos até as revoltas e insurreições organizadas.
- Análise do papel dos quilombos como espaços de liberdade e resistência cultural, bem como a importância de líderes como Zumbi dos Palmares na luta contra a escravidão.

Habilidades favorecidas da BNCC nesta proposta:

No 6º ano:

(EF06HI14) Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços (Brasil, 2018, p. 421).

No 7º ano:

(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas (Brasil, 2018, p. 423).

(EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática) (Brasil, 2018, p. 423).

(EF07HI16) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados (Brasil, 2018, p. 423).

No 9º ano:

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados (Brasil, 2018, p. 429).

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil (Brasil, 2018, p. 429).

(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes (Brasil, 2018, p. 429).

No 8º ano:

(EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas (Brasil, 2018, p. 425).

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas (Brasil, 2018, p. 427).

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas (Brasil, 2018, p. 427).

(EF08HI23) Estabelecer relações causais entre as ideologias raciais e o determinismo no contexto do imperialismo europeu e seus impactos na África e na Ásia (Brasil, 2018, p. 427).

Tema: O tratamento dado aos escravizados e os instrumentos de tortura

1º passo: Acolhida aos estudantes em sala e apresentação da proposta de aula.

2º passo: Explicação do conteúdo e leitura do texto

3º Atividade impressa

4º Encerramento da aula

Objetivos da aula:

- Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas no passado e hoje.
- Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços

Recursos: Atividades impressas para os estudantes

Desenvolvimento da aula:

após a leitura “O tratamento dos escravizados e os instrumentos de tortura”, foi realizada uma discussão em sala acerca da violência contra as populações marginalizadas no passado e atualmente, após isso, foram entregues e realizadas as atividades propostas.



O tratamento dos escravizados e os instrumentos de tortura

A escravidão no Brasil durou mais de 300 anos, desde o século XVI até sua abolição em 1888. Durante esse período, milhões de africanos foram sequestrados de suas terras e trazidos à força para trabalhar em fazendas, minas, engenhos e também em serviços urbanos. Os escravizados eram tratados como propriedade de seus senhores, sem direitos e submetidos a condições desumanas. Os africanos escravizados eram forçados a trabalhar longas horas, muitas vezes de sol a sol, sem descanso adequado e recebendo apenas alimentos básicos para sobreviver. Em engenhos de açúcar, minas e plantações de café, o trabalho era extremamente exaustivo e, quando não realizavam as tarefas conforme os padrões exigidos, eram punidos de forma cruel.

Além do esforço físico intenso, os escravizados sofriam violência psicológica e emocional. Eram frequentemente separados de suas famílias e proibidos de praticar sua cultura e religião. Muitos tentavam fugir em busca de liberdade, e aqueles que eram capturados enfrentavam castigos ainda mais severos.

Para manter o controle sobre os escravizados e impor medo, os senhores utilizavam diversos instrumentos de tortura. Entre os mais conhecidos estão:

- **Pelourinho:** um poste de madeira onde os escravizados eram amarrados e chicoteados em praça pública como forma de punição e humilhação.
- **Chicote:** feito de couro ou corda, era usado para ferir e marcar o corpo dos escravizados, causando cortes profundos e dores intensas.
- **Tronco:** um instrumento de madeira onde as pessoas eram imobilizadas pelos pés, mãos ou pescoço, impedindo qualquer movimento e causando extremo sofrimento.
- **Gargalheira:** uma espécie de coleira de ferro colocada no pescoço dos escravizados, dificultando sua movimentação e causando ferimentos.
- **Máscara de flandres:** um objeto de ferro colocado sobre a boca dos escravizados para impedir que falassem ou se alimentassem sem permissão.
- **Pé de grilho:** uma peça de ferro presa aos tornozelos que dificultava a locomoção, usada especialmente para punir os que tentavam fugir.

Esses instrumentos eram utilizados como forma de repressão, buscando eliminar qualquer tentativa de resistência e manter os escravizados sob controle.

Mesmo diante de tanta crueldade, os escravizados resistiram de várias formas. Muitos fugiam para quilombos, comunidades formadas por escravizados libertos ou fugitivos, onde podiam viver com maior liberdade. Outros protestavam por meio de revoltas, como a Revolta dos Malês na Bahia, em 1835. Além disso, preservavam sua cultura por meio da música, da dança e da religiosidade, mantendo viva sua identidade.

A escravidão deixou marcas profundas na sociedade brasileira. O racismo e a desigualdade social são heranças desse período de exploração e violência. Por isso, é essencial conhecer essa história e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Atividade

Observe a foto e releia o trecho do conto "*Pai contra Mãe*" para responder as seguintes questões:

Instrumentos de tortura expostos em 2023 no Museu da Inconfidência em Ouro Preto



Foto: Sulamita Silva/ Acervo da autora

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. [...] Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até o alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Analisando o trecho acima responda as questões abaixo:

1) Como Machado de Assis descreve os ofícios e aparelhos de tortura da existente no período da escravidão no Brasil? De que forma eram utilizados estes aparelhos?

2) Após a leitura do texto “O tratamento dos escravizados e os instrumentos de tortura” e relendo os fragmentos do conto *Pai contra mãe*, pode-se notar que ambos tratam dos instrumentos de tortura e o tratamento que os negros escravizados recebiam. Identifique-os e explique quais eram as funções desejadas com estes castigos.

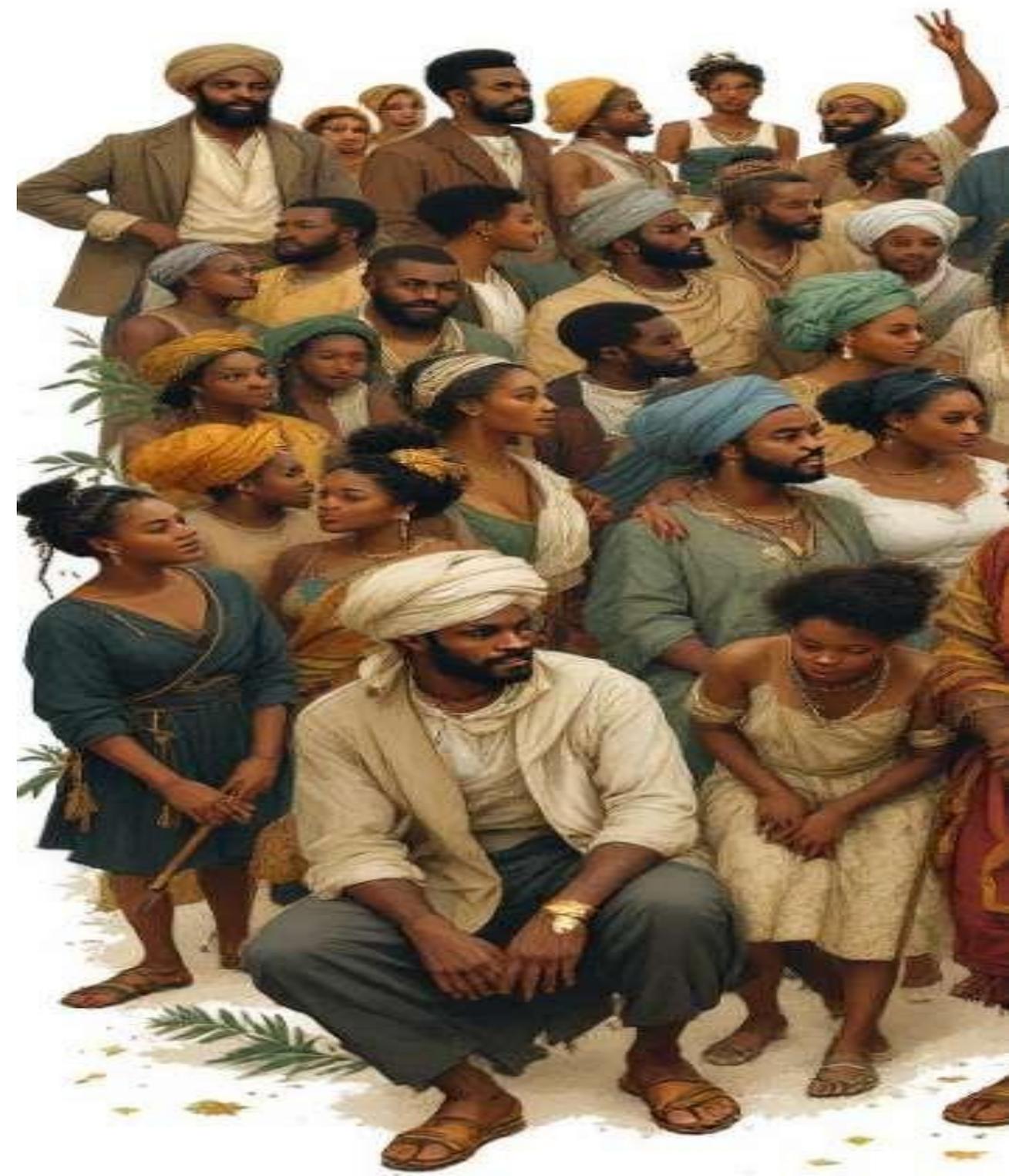
3) Qual a sua opinião sobre estes “ofícios e aparelhos” aos quais os escravos eram submetidos?

Encerramento e consolidação

- Foi solicitado aos alunos que compartilhassem suas percepções sobre o impacto da aula ao conhecerem os instrumentos de tortura utilizados no período da escravidão
- Agradeceu-se a participação dos estudantes foi sugerido que continuem aprendendo sobre o tema sugerindo filmes: *Pantera Negra* (2018), *Black is King* (2020), *Fahrenheit 451* (2018).

OUTRAS SUGESTÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

- Abordar o contexto histórico da escravidão no Brasil desde o período colonial, destacando a economia escravista baseada na monocultura e a exploração da mão de obra africana.
- Detalhar o tráfico negreiro, suas rotas transatlânticas e as condições desumanas a que os escravizados eram submetidos.
- Explorar as diversas formas de resistência dos escravizados, como a formação de quilombos (Palmares sendo o mais emblemático), revoltas (como a Revolta dos Malês) e a participação no movimento abolicionista.
- Discutir a representação da escravidão e dos escravizados nas obras de Machado de Assis, explorando o papel da sociedade brasileira na perpetuação do sistema escravista.
- Analisar como Machado retrata as relações de poder, a hipocrisia e a ambiguidade moral presentes na sociedade escravista, utilizando a ironia e a crítica social como ferramentas para questionar as estruturas sociais da época.



3 RECURSOS COMPLEMENTARES: FILMES, LIVROS E DOCUMENTÁRIOS

1

Filmes

"Kiriku e a Feiticeira": Uma animação que celebra a cultura africana e ensina sobre coragem e esperança.

"Quanto vale ou é por quilo?": Um filme que retrata a persistência da exploração e desigualdade racial no Brasil.

"Estrelas Além do Tempo": A história inspiradora de mulheres negras na NASA que superaram o racismo para alcançar grandes feitos.

"Pantera Negra": Um filme de super-herói que exalta a cultura africana e apresenta um elenco majoritariamente negro.

"A Cor Púrpura": Um clássico que narra a história de uma mulher negra no sul dos Estados Unidos, abordando temas como racismo e sexismo.

2

Livros

"O Pequeno Príncipe Preto": Uma adaptação do clássico, com um protagonista negro que ensina sobre diversidade e amor.

"Olhos D'Água" (Conceição Evaristo): Contos que retratam a vida de mulheres negras no Brasil, com suas dores e alegrias.

"Um Defeito de Cor" (Ana Maria Gonçalves): Um romance histórico que narra a saga de uma mulher africana em busca de seu filho no Brasil escravocrata.

"Becos da Memória" (Conceição Evaristo): Uma obra que retrata a vida em uma favela, com personagens marcantes e reflexões sobre a memória e o esquecimento.

3

Documentários

"Raça Humana": Um documentário que explora a diversidade genética e cultural da humanidade, desafiando a ideia de raças superiores ou inferiores.

"13ª Emenda": Um documentário que aborda a questão racial nos Estados Unidos, desde a abolição da escravidão até o sistema prisional atual.

"A Negação do Brasil": Um documentário que analisa a representação dos negros na teledramaturgia brasileira, desde os estereótipos até as tentativas de valorização.

"Cores e Botas": Documentário sobre a trajetória do grupo Cores e Botas, formado por jovens da periferia de Porto Alegre que levam para a dança suas vivências e a cultura Hip Hop.



4 CONCLUSÃO: REFLEXÕES E DESAFIOS

O caderno do professor oferece um caminho para o ensino antirracista, utilizando os contos de Machado de Assis para promover a compreensão da escravidão e suas consequências. É fundamental que a educação continue a abordar temas como racismo e desigualdade social, buscando construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Os desafios para a implementação de práticas antirracistas na educação são muitos, incluindo a necessidade de formação continuada de professores, a disponibilidade de materiais didáticos adequados e a superação de resistências e preconceitos enraizados na sociedade. É preciso um esforço conjunto de educadores, gestores, famílias e da sociedade em geral para promover uma educação que valorize a diversidade e combata todas as formas de discriminação.

Ao refletirmos sobre o legado da escravidão e a obra de Machado de Assis, somos desafiados a repensar nossas próprias atitudes e a nos engajarmos na construção de um futuro mais justo e igualitário para todos. A educação antirracista é um passo fundamental nessa direção, capacitando os alunos a se tornarem cidadãos conscientes e comprometidos com a transformação social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 04 abr. 2024.

SANTOS, L. S. **Educação, Educação Física, capoeira**. Maringá: Imprensa Universitária, 1990.

VILARINHO, Murilo Chaves. O caso da vara (1891): Um conto de Machado de Assis que revela a face da escravidão brasileira do século XIX. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 14, n. 2, p. 273-282, 2021.

